

Organização genital infantil: uma interpolação

© ROBERTO GIROLA (WWW.ROBERTOGIROLA.COM.BR)

Bibliografia 1

FREUD, S. (19323). A organização genital infantil. In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

, _____. (1922). A cabeça da Medusa . In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

, _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago 2006.

_____. (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1938). Esboço de psicanálise. In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 165-169.

ABRAM, J. O ser e o elemento feminino. In: *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revniter, 1996, pp.243-246.

Bibliografia 2

GIROLA, R. “Complexo de Édipo e integração dos elementos masculinos e femininos”. In: *A psicanálise cura?*. Aparecida: Ideias & Letras, 2004 (cf. pp.92-98 e 146-148).

_____. *A mulher: um mistério?*. In: <https://www.robertogirola.com.br/index.php/home/847-a-mulher-um-misterio>

_____. *A inveja do útero*, In: <https://www.robertogirola.com.br/index.php/home/artigos/pais-e-filhos/516-a-inveja-do-utero>

LUEPNITZ, D. “Beyond the Phallus: Lacan and feminism”. In: RABATÉ, JEAN-MICHEL. *Cambridge companion to Lacan*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 221-237. (Ver no CEP)

ROUDINESCO, E e PLON, M. “Falo”. E “Falocentrismo” In: *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

WINNICOTT, D. W. Sobre elementos masculinos e femininos excindidos. In: *Explorações psicanalíticas*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, pp. 133-150.

_____. A criatividade e suas origens. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, pp. 95-120.

A importância da questão

Winnicott e Balint apontam diferentes tipos de pacientes e de técnicas analíticas, diferenciando os que trazem organizações psíquicas que têm como seu núcleo central a falha básica (Balint) ou seja a não estruturação do Eu, resultando em organizações psíquicas *borderline* e pacientes que, a partir de um Eu suficientemente constituído puderam chegar à organização edípica.

Neste último tipo de pacientes é importante que o processo analítico possa revelar como se organizou essa estruturação edípica .

O texto em pauta reflete sobre essa organização, acrescentando novos elementos ao texto de 1905 (Três ensaios sobre a sexualidade infantil).

F. desenha nesse texto os elementos básicos de sua teoria, que assume um caráter falocêntrico, ao colocar o falo como foco da organização central tanto nos homens como nas mulheres.

O termo falo (pênis) é aqui usado em um sentido anatômico (diferenças anatômicas entre os sexos), enquanto Lacan fará um reinterpretação dessa teoria em termos simbólicos (cf. artigo “Falo” da Roudinesco).

A matriz paradigmática freudiana

O professor Fulgêncio na [aula](#) sobre Popper e Khun define quais são os critérios para definir uma ciência.

De acordo com Khun, podemos definir a matriz paradigmática da psicanálise de F. como ciência, a partir de 4 elementos. Já para Popper a psicanálise não pode ser considerada uma ciência:

1. Análise fenomenológica de uma série de exemplares (experiências com neuróticos)
2. Teorização simbólica (metapsicologia centrada na força das energias psíquicas libidinais: I e II tópica, instintos de vida/morte)
3. Modelo metafísico (homem como ser determinado por energias libidinais)
4. Valores (busca de procedimentos voltados para a cura de pacientes neuróticos)

Uma revisão dos “Três ensaios sobre a sexualidade”

Os *Três ensaios* focalizam a escolha de objeto como premissa para a organização sexual do adulto:

“A totalidade das correntes sexuais passou a ser dirigida para uma única pessoa”, uma antecipação da “forma final assumida pela vida sexual após a puberdade”(cf. p. 157)

“Na infância a combinação dos instintos parciais e sua subordinação sob a primazia dos genitais só foram efetuadas muito incompletamente ou não o foram de forma alguma.” (p. 157s)

Mudança:

É esta última afirmação dos *Três ensaios* que F. pretende rever neste texto:

“A aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto” (p. 158)

“O interesse nos genitais e em sua atividade adquire uma significação dominante, que está pouco aquém da alcançada na maturidade” ((p. 158)

Falocentrismo freudiano

“ (...) a característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é sua *diferença* da organização genital final do adulto” (p. 158).

“Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, (...) [o] que está presente (...) não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*”. (p. 158).

F. porém admite sua incapacidade de penetrar a fundo o “continente obscuro” da sexualidade feminina e reduz suas considerações à organização masculina: “Infelizmente, podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina não conhecemos” (p. 158).

Ele tentará refletir sobre a sexualidade feminina em *Sexualidade feminina (1930)*, mas, mesmo assim, a mulher continuará sendo para F. esse continente obscuro, como confessará em 1930 em uma carta dirigida a Marie Bonaparte, sua discípula e ex-paciente, com a famosa pergunta: “o que quer uma mulher?”.

Lacan, aprofundará a questão com sua teoria sobre a identificação com o Falo como significante que remete inexoravelmente à falta, identificação possível no homem, mas não na mulher (Cf. Daniela Bittencourt, **Afinal, o que quer uma mulher?** In : http://danielabittencourt.blogspot.com.br/2011/08/afinal-o-que-quer-uma-mulher_05.html).

O interesse pelo pênis

A curiosidade do menino é atraída pela sensibilidade e prazerosa excitação que lhe favorece o seu órgão (cf. excitação sensorial já presente no bebê).

Inicialmente o menino acredita que todos possuem o mesmo órgão.

Ao constatar a diferença anatômica entre os sexos, o menino acredita inicialmente que a ausência do pênis se explica com o fato de que ele é pequeno e que ainda vai crescer (a partir da análise do pequeno Hans, F. acredita que isso se aplica inclusive aos seres inanimados).

“No decurso dessas pesquisas a criança chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão, comum a todas as criaturas que a ela se assemelham. “ (p. 159).

Aos poucos a criança chega à “conclusão emocionalmente significativa de que (...) o pênis (...) estivera lá, antes, e fora retirado depois. A falta de um pênis é vista como resultado da castração” (p. 159).

“F. conclui: “o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração” (p. 159s).

A castração

F. observa que a castração tende a ser vista pela criança como efeito de uma **punição** (como o vídeo comprova): por isso mulheres respeitadas, como a mãe, “retêm o pênis por longo tempo (...) ser mulher ainda não é sinônimo de não ter pênis” (p. 160).

Quando mais tarde a criança descobre que apenas a mulher pode dar à luz um bebê ,também a mãe perde seu pênis e “são construídas teorias bastante complicadas para explicar a troca do pênis por um bebê” (ibid.). No entanto, “os órgãos genitais femininos jamais parecem ser descobertos” (ibid.) (cf. no meu site o artigo [A mulher: um mistério?](#)).

F. observa que a polaridade masculino/feminino somente se dá na puberdade, quando a vagina é descoberta como abrigo do pênis. Antes, na fase pré-fálica (anal), prevalece a dualidade entre ativo/passivo, na fase fálica, entre masculino (falo) e castração (sem falo).

A cabeça da Medusa: terror da castração

“O terror da Medusa (Freud, 1922) é um terror de castração ligado à visão de alguma coisa” (p.289).

O fenômeno “ocorre quando um menino, que até então não estava disposto a acreditar na ameaça de castração, tem a visão dos órgãos genitais femininos (...), rodeados por cabelos, e, essencialmente, os de sua mãe” (p. 289).

Os cabelos da medusa, frequentemente representados sob a forma de serpentes, “, servem como mitigação do horror, por substituírem o pênis, cuja ausência é a causa do horror.” (p. 289).

Na mitologia, ao ver a cabeça da Medusa, o expectador fica “petrificado”, F. vê nisso uma alusão à “ereção”, como negação da castração.

Atenas carrega a cabeça da Medusa em sua armadura, e se torna o símbolo da mulher inabordável, por carregar em suas vestes “os terrificantes órgãos genitais da mãe”.

F. associa os homossexualismo a essa visão da cabeça da Medusa.

Falocentrismo e falocracia

No artigo homônimo do seu Dicionário, Roudinesco , associa o termo a “uma doutrina, monista, em cujos termos só existiria no inconsciente uma espécie de libido de essência viril” (p. 222).

Esta teoria monista é contestada pela Escola Inglesa, que lhe opõe uma teoria dualista da diferença sexual.

Em particular, Winnicott confere um significado completamente diferente aos elementos masculinos e femininos, totalmente desvinculado das diferenças anatômicas entre os sexos (cf. Abram, O ser e o elemento feminino).

O movimento feminista acabou usando o termo como uma referência à discriminação sexista e à dominação dos homens sobre as mulheres (falocracia).

Lacan: posição e função fálica

O “falo é aquilo que ninguém pode ter, mas que todos querem” (Luepnitz, p. 226)

O Falo é para L a *representação da falta*, um significante :“A ‘função fálica’ [portanto] (...) **não é uma característica de gênero**; se refere ao ser e ter, à falta e à negação da falta – *para todos os sujeitos*” (p. 226) -> a biologia apenas descreve o estado inicial de incompletude

O falo não é um órgão, e sim uma “**posição**” (cf. Id, ibid.). A **Falta** está essencialmente ligada à maneira como o ser humano nasce “prematuramente”, em um estado de *incompletude e dependência*, como já F admitiu no *Projeto*.

Devido à diferença entre o pênis freudiano e o falo lacaniano o conceito de **castração** muda completamente.

Para L a castração é a “habilidade do sujeito de reconhecer a sua falta”.

Longe de ser algo a ser evitado, a castração é necessária. “Uma pré-condição absoluta para a capacidade de amar”. (Idem, p. 227)

“Não apenas o H deve lidar com a castração, mas a própria mulher deve enfrentar a mesma castração que o homem sofre”

Castração

L mantém as diferenças anatômicas: para o neurótico a castração é também uma forma de abraçar sua identidade masculina ou feminina (# psicose de Schreber)

Para L nada falta no corpo feminino, a falta é apenas um registro do imaginário e opera para todos (cf; Idem, p. 227).

O “falo não é aquilo que os homens têm e que falta nas mulheres, podemos dizer [ao contrário] que é aquilo que os homens acreditam ter e que se considera que as mulheres não têm” (p. 227)

Fica a pergunta: por que L não nomeou o falo de outra forma (por ex. ômega ou totalidade), se de fato queria dizer outra coisa?

Gozo feminino

Para F, Ferenczi e Winnicott, a libido é um instinto ligado ao elemento masculino. L adere inicialmente a essa teoria

Depois de 1950, com os debates das feministas, L parece rever a sua teoria (Seminário sobre a Sexualidade feminina”, 1971,2)

- “Freud claims that there is only masculine libido. What does that mean if not that a field that certainly is not negligible is thus ignored? That field is the one of all beings that take on the status of woman – assuming that being takes on anything whatsoever of her destiny” (S XX, p. 80).
- (F sustenta que existe apenas uma libido masculina. O que isso significa a não ser que um campo que certamente não negligenciável é ignorado? O campo é aquele de todo ser que assume o status de mulher -- aceitando que ser comporta assumir a plenitude do seu destino”)

L começa assim a trabalhar a teoria de que há no feminino uma potência que excede o gozo fálico (p. 228)

Para L o gozo feminino é de difícil compreensão ->“continente obscuro” freudiano? (cf. citação Kristeva, p. 230)

L compara a experiência desse “gozo” feminino àquela dos místicos que renunciam à função fálica para experimentar o *gozo do não pleno* (cf. p. 228), teria isso algo a ver com a experiência do negativo bioniano?

Relação sexual

Para L não existe relação sexual (cf. S XIV e XX), na esteira de F que também questionava que o instinto sexual pudesse alcançar a completa satisfação.

O que L questiona é a possibilidade do amor romântico e a ilusão de que os indivíduos possam se completar mutuamente

L, como as feministas, critica a sobrevalorização do mito ocidental do “amor verdadeiro”, mas para L esta não é uma construção sociocultural e sim uma questão estrutural do sujeito dividido pelo inconsciente (cf. p. 229).

As ideias de L sobre o feminino inspiram numerosas feministas francesas. Outras preferem seguir Julia Kristeva, cuja definição do feminino se aproxima daquela de L.:

- “Por ‘mulher’ eu entendo aquilo que não pode ser representado, o não dito, aquilo que permanece acima e além da nomenclatura e das ideologias” (p. 220);

Outras seguem Irigaray que recusa a visão falocêntrica de F , defendendo que a mulher tem que poder nomear a mulher a partir de seu “corpo e prazeres”, defendendo uma ética da diferença sexual, defendendo porém a unicidade da sexualidade feminina: “a mulher tem órgãos sexuais mais ou menos em qualquer lugar” (crítica -> essencialização da exp. feminina)

Sexuação

No Seminário 20 L parece tentar elaborar uma fórmula para descrever a diferença sexual sem inscrevê-la numa diferença de essência

Masculino (<> H biológico)	Feminino (<> M biológica)*
<i>Todo H</i> é sujeito à função fálica (H ->FF -> Ordem simbólica)	<i>Não toda M</i> é sujeita à função fálica _> pode fugir à Ordem Simbólica
H= <i>tout</i> (ordem simbólica)	M = <i>pas tout</i> (uma parte foge à ordem simbólica)
Uma única posição libidinal -> FF	Posição libidinal 1 -> FF Posição libidinal 2-> Ø (significante do outro barrado) -> uma potência que excede o Falo

*Lado Feminino -> "Qualquer ser falante, como expressamente formulado na teoria freudiana, seja dotado ou não de atributos masculinos -atributos ainda a serem determinados-, pode se inscrever nesse lado" (S XX)

Como sugere Ellie Ragland, "heterossexuais ou homossexuais, nós somos atraídos uns pelos outros sexualmente porque não somos inteiros e porque não somos os mesmos" (cf. p. 232)